

## Apresentação do Livro de Maria Isabel Mendonça Soares

### O Castelo Verde

13 de Dezembro de 2005



Algumas, pequeninas, chaves simbólicas.

É uma história como as histórias dos tempos antigos...  
tem lá dentro um castelo misterioso,  
uma princesa que vive há muitos, muitos anos fechada numa torre,  
um cavaleiro que anda pelo mundo ao sabor da lua,  
o desejo de um anel libertador...

Tudo isto em tons de verde!

Esta é uma cor que está entre o calor e o frio, tem esperança, calma, refresca... é humana. É uma cor serena, sem alegria ou sem tristeza, uma cor simples que nada exige. Mas por certo esconde um segredo pois é símbolo do conhecimento mais profundo.

Tal como o verde pode indicar o despertar da vida, este texto revela-nos límpida, a força feminina, muito tranquila e segura. Descobre-nos a sua maturidade e sabedoria.

O verde é também regeneração – como o sabiam os pintores da Idade Média que pintavam com essa cor a cruz de Cristo.

A entrada nesta história confirma-nos tudo isto pois esta é a matéria de que é feito este livro. E mais... depois vem o número sete.

7 torres, 77 janelas, 777 degraus, 7777 folhas de trepadeira ...

Este conto inscreve-se na ideia de perfeição, de ciclo - como a semana, o arco-íris, os milagres, as notas musicais – um ciclo completo.

O número sete traz-nos a totalidade – com movimento e dinâmica – mas, também acrescenta ansiedade, porque indica a passagem do conhecido para o desconhecido. É aqui que nasce esta história, no todo e depois nessa fronteira. Falta-nos o cavaleiro. E neste ponto é muito interessante a opção semântica de Maria Isabel Mendonça Soares; se na antiguidade o cavaleiro representava o triunfo – militar ou espiritual –, um perfeito domínio de si e

das forças naturais, na arte moderna imagem do cavaleiro passou a representar já não a tranquilidade, mas o medo, o desespero, a perda de controlo, tendo mais como pano de fundo a sombra dos 4 cavaleiros do apocalipse.

Maria Isabel pega nesta figura e, para que não restem dúvidas sobre a conotação que lhe quer imprimir, acrescenta-lhe a lua – que é a imagem do conhecimento indirecto e por reflexo. Este é o Cavaleiro da Lua. Como num sonho, é um cavaleiro à procura, meio-perdido, encontrado (encantado?) por esta princesa que, sabiamente, lhe oferece o caminho seguro para o Graal.

É uma bela história... Intemporal... Eterna... Presente...

Texto de Dora Batalim - Coordenadora da colecção de Dr.<sup>a</sup> Maria de Lourdes Soares  
Editora Paulinas

